

IMPLANTAÇÃO DE SERINGAIS NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Aldo Bezerra de Oliveira¹; Renato Barbosa da Cruz²

(¹Pesquisador da PESAGRO-RIO; ²Engº Agrônomo da PESAGRO-RIO)

INTRODUÇÃO

Muito já se escreveu e se publicou sobre os cuidados que devem ser tomados na implantação e na condução de seringais de cultivo. Entretanto, as áreas indicadas como aptas à cultura no Estado do Rio de Janeiro (zoneamento edafoclimático) apresentam condições peculiares devido, em grande parte, ao relevo, quase sempre acidentado. A maior parte da cobertura vegetal é formada por pastagens em diferentes graus de degradação, decorrente do pastoreio continuado na criação extensiva de animais domésticos. Apesar de as condições expostas parecerem desfavoráveis ao cultivo da seringueira, atualmente existem seringais em franca produção no estado e que foram implantados em áreas declivosas, com vegetação assemelhada às mencionadas, em solos conservados quanto à fertilidade e sem erosão.

Este documento aborda os procedimentos técnicos que devem ser adotados para o sucesso da atividade nas condições do Estado do Rio de Janeiro.

ESCOLHA E LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DO SERINGAL

Ao selecionar o local para a implantação do seringal, os seguintes aspectos devem ser observados:

- Exposição a ventos frios ou predominantes: evitar as faces expostas a tais fatores.
- Profundidade do solo: não fazer o plantio em solos rasos, mal drenados ou que apresentem qualquer camada de impedimento, como é o caso dos solos podzólicos.
- Acúmulo de ar frio: evitar o plantio em áreas de acumulação de ar frio, locais de baixadas, visando impedir danos causados por geadas, principalmente nas regiões com invernos mais rigorosos.
- Isolamento da área: evitar danos causados por animais na fase inicial de desenvolvimento e, posteriormente, causados por incêndios, no caso de seringais próximos a pastos, canaviais e outros pontos que possam ser considerados como possíveis focos de fogo.
- Topografia: observar a legislação vigente, evitando a implantação de seringais em área considerada de preservação permanente (APP). Evitar altitudes acima de 1.000 metros para que não se exponha a seringueira ao maior resfriamento noturno, principalmente no inverno.

MODALIDADE DE PLANTIO E PRÁTICA RECOMENDADA

Considerando que grande parte das áreas aptas ao cultivo da seringueira no estado não admitem a movimentação de máquinas para preparar o solo, o primeiro passo deverá ser a roçagem da área e a confecção das curvas de nível, seguindo-se a limpeza das linhas de plantio, alinhamento e abertura das covas. O plantio deverá ser direto. Como a maior parte das áreas é formada por pastagens com braquiária (*Brachiaria* sp.), recomenda-se a aplicação de herbicida antes da implantação do seringal para evitar competição por água e nutrientes entre a seringueira e a pastagem, o que fatalmente acontecerá se esta última não for eliminada, mesmo que de forma gradativa. A presença de braquiária muito próximo à seringueira é extremamente prejudicial ao desenvolvimento da cultura.

ALINHAMENTO E ESPAÇAMENTO

O alinhamento tem por objetivo a distribuição das plantas de determinada cultura no terreno, de forma ordenada. No caso presente, por serem áreas declivosas, o plantio deve ser realizado sempre em curvas de nível, não só para a proteção do solo, como também para facilitar, posteriormente, o processo de coleta do látex. Para marcar as curvas de nível, deve-se demarcar uma linha mestra com o auxílio de um nível ou outro instrumento mais rústico e, a seguir, marcar as demais linhas de plantio, seguindo-se o espaçamento planejado. No caso da seringueira para cultura solteira, o espaçamento mais atual é o de 6,00m entre linhas e 3,00m entre plantas, resultando numa densidade de plantio de 555 plantas por hectare. Considerando-se as perdas de 10% das plantas ao longo do ciclo, a população será de 500 plantas úteis por hectare. O espaçamento tradicional é o de 8,00m entre linhas e 2,50m entre plantas ao longo da linha, resultando numa densidade de 500 plantas por hectare; utilizam-se também espaçamentos de 7,00m x 3,00m e 8,00m x 3,00m.

Para cultivos consorciados, a seringueira é disposta, geralmente, em fileiras duplas, usando-se espaçamentos diversos, como:

- Quando utilizados consórcios com cultivos anuais e/ou, no máximo, semiperenes:

6m entre linhas na fileira dupla 10m entre as fileiras duplas 2,5m entre plantas na fileira	Densidade: 500 plantas /ha
---	----------------------------

- Quando estiverem previstos consórcios com cultivos perenes e semiperenes:

3m entre linhas na fileira dupla 17m entre as fileiras duplas 2,5m entre plantas na fileira	Densidade: 400 plantas/ha
---	---------------------------

Quando se pretender desenvolver a seringueira em sistemas agroflorestais, diminui-se propositalmente a densidade de plantas dessa espécie para permitir melhor distribuição espacial das outras espécies a serem utilizadas.

Na vitrine tecnológica implantada no Campo Experimental da Fazenda Santa Mônica, pertencente à Embrapa Gado de Leite, no distrito de Juparanã, município de Valença-RJ, em unidade de pesquisa coordenada pela PESAGRO-RIO, utilizou-se o espaçamento de 6,00m entre as linhas na fileira dupla, 10,00m entre as fileiras duplas e 2,50m entre as plantas nas fileiras, resultando numa densidade de 500 plantas por hectare. Com a cultura da seringueira, estão sendo testados os consórcios com maracujá; palmeira real australiana; café e banana; guandu (adubo verde); feijão preto e tomate, além da seringueira em cultivo solteiro.

Como ainda não se conhece o comportamento da seringueira nas condições da região, optou-se por espaçamento em fileiras duplas que não fosse muito diferente dos espaçamentos tradicionalmente usados nos cultivos solteiros da seringueira. O desenvolvimento inicial das plantas de seringueira é lento, sendo que o seringal só começa a produzir a partir do 7º ano, quando pode ocorrer o sombreamento quase total da área do seringal. Até o 5º e 6º ano de ciclo do seringal, parte da área fica descoberta. Por essa razão, recomenda-se o consorciamento da seringueira com outros cultivos durante esse período, pois além de propiciar retorno mais rápido do capital investido, poderá contribuir para a conservação dos solos das áreas declivosas.

Há grandes variações na utilização de espaçamento de fileiras duplas de seringueira, que dependem da combinação dos plantios consorciados a serem adotados. As covas são demarcadas com estacas de bambu ou outro material, de forma que estejam alinhadas em curva de nível e marquem o ponto central da cova para o plantio da muda.

ABERTURA DE COVAS

As covas devem ser abertas manualmente, utilizando-se cavadeiras e enxada. Em solos com menor declividade, desde que não estejam totalmente saturados de água, as covas podem ser abertas com trator, tendo-se o cuidado de não provocar erosão no solo. Nesse caso, devem ser usadas garras nas bordas da broca para evitar o espelhamento da parede da cova. Em geral, uma cova aberta em solo de textura média deve ter dimensões de 0,40m x 0,40m x 0,50m de profundidade, separando-se dela 0,25m da terra de cima dos 0,25m da terra de baixo. A terra retirada da parte de baixo da cova deve ser utilizada no enchimento final da mesma, caso necessário, utilizando-se a terra retirada dos primeiros 0,25m de profundidade no fundo da cova. Após a abertura da cova, afofar o solo do fundo da cova em cerca de 10 a 15cm, com a utilização de cavadeira.

CALAGEM, ADUBAÇÃO E ENCHIMENTO DE COVA

No plantio direto, a adubação é realizada diretamente na cova. Quando necessário, se o solo apresentar alta acidez (pH abaixo de 4,5), poderá ser realizada a calagem com no máximo 1,5 tonelada de calcário por hectare, após a aplicação do herbicida. Essa calagem é feita a lanço, distribuindo-se uniformemente a quantidade indicada sobre a superfície do solo.

Nas condições referidas, quase sempre se aplicam de 200g a 250g de calcário nas paredes e no fundo da cova após a abertura da mesma. Na adubação da cova, devem-se incorporar cerca de 30g de P_2O_5 e 30g de K_2O , adicionando-se ainda de 20 a 30 litros de esterco de curral curtido, misturando-os com a terra de cima. Após a mistura, faz-se o enchimento da cova.

Nessas condições de solo, também podem ser usados adubos formulados já existentes no mercado, colocando-se as quantidades que atendam às dosagens dos nutrientes recomendados. Algumas dessas formulações contêm micronutrientes importantes para a seringueira. Em solos deficientes, quando não houver zinco nos fertilizantes usados, aplicar 5g de zinco (Zn) por cova. Aguardar o período de curtimento da cova cheia, em geral de 20 a 25 dias antes do plantio. Após a adubação de cova, aplicar, durante o primeiro ano, nitrogênio em cobertura em três parcelas de 30g por planta, em faixa circular de 30cm de largura em torno da planta.

ÉPOCA DE PLANTIO

O plantio das mudas deve ser feito no início do período chuvoso que, no Estado do Rio de Janeiro, ocorre em setembro/outubro ou outubro/novembro, sendo a mais provável a época de outubro/novembro.

Se o plantio for realizado fora do período chuvoso ou em época de veranico, devem-se adicionar pelo menos 20 litros de água por cova, de dois em dois dias. Se faltar água logo após o plantio, provavelmente ocorrerá a perda da muda e, conseqüentemente, a falha no stand e desuniformidade no seringal, com sérios prejuízos financeiros.

SELEÇÃO E TRANSPORTE DAS MUDAS

Por ocasião do plantio, devem-se estabelecer padrões de seleção das mudas com o objetivo de uniformizar o desenvolvimento do seringal, classificando-as de acordo com o porte e o estágio de desenvolvimento. Tratando-se de mudas de raiz nua, a seleção deve ser feita considerando-se o sistema radicular, descartando-se aquelas que apresentem defeitos. Com mudas em sacos plásticos, deve-se observar o vigor do enxerto, descartando-as ou reencanteirando-as, conforme o caso.

No transporte, devem-se evitar danos ao enxerto e quebra de torrões. Em regiões sem tradição heveícola e que estejam iniciando a atividade, como é o caso do Rio de Janeiro, recomenda-se o plantio de mudas com 18 meses de idade, com um ou dois lançamentos maduros, nas áreas de escape.

PLANTIO

Mudas de raiz nua

Emprega-se a muda de toco enxertado convencional. Esse tipo de muda não é muito recomendado para o plantio em regiões com período seco definido, como é o caso das áreas de escape do Rio de Janeiro, pois necessita de bom suprimento de água para se estabelecer e se desenvolver no campo. Nas covas previamente preparadas, são abertas covetas na parte central da cova, adicionando-se água e terra para a formação de lama ou barro. A muda é aí introduzida por pressão leve, seguida de movimento de rotação do toco para evitar bolsas de ar junto à raiz, devendo ficar a placa de enxertia voltada para o nascente, a cerca de 5cm da superfície.

Mudas em saco plástico

Devem ser usadas mudas selecionadas por estágio vegetativo do broto, isto é, brotos com até 2cm ou com um ou dois lançamentos maduros. As mudas são plantadas em covetas abertas no centro das covas previamente preparadas, devendo o broto ficar no sentido do nascente ou dos ventos predominantes para evitar quebras. A inserção do enxerto deve ficar ligeiramente acima da superfície do solo. Deve-se evitar terra com torrões junto à coveta para impedir a formação de bolsas de ar, que comprometem o pegamento da muda. Nos dois tipos de mudas, deve-se fazer o embaciamento do terreno em volta da cova para facilitar as operações de rega, que deve ser feita logo após o plantio, repetindo-a até o completo pagamento das mudas, quando não houver ocorrência de chuvas.

REPLANTIO

O replantio deve ser realizado com mudas ensacoladas, independentemente do tipo de muda usada no plantio. Deve ser feito tão logo se constate a falha. Após o segundo ano de implantação do seringal, as falhas deverão ser plantadas com mudas avançadas (minitoco ou toco alto), sempre compatíveis com a idade do seringal, devido à característica de planta de porte arbóreo. Cuidados especiais devem ser tomados no replantio, que deve propiciar a formação uniforme do seringal, evitando-se plantas dominadas, que não chegarão ao ponto de exploração.

LITERATURA CONSULTADA

ALVARENGA, A. de P.; CARMO, C. A. F. de S. Implantação e condução do seringal. In: ALVARENGA, A. de P.; CARMO, C. A. F. do (Coord.). **Seringueira**. Viçosa, MG, EPAMIG, 2008. xvi, 894 p.

GONÇALVES, P. de et al. **Manual de heveicultura para o Estado de São Paulo**. Campinas: IAC, 2001. 78 p. (IAC. Boletim Técnico, 189).

MOTTA, P. E. da. Solos aptos para a cultura da seringueira em Minas Gerais. **Informe Agropecuário**, Belo Horizonte, v. 28, n. 237, p. 44-48, mar./abr. 2007.

OLIVEIRA, A. B. de; CRUZ, R. B. da. Plantio direto da cultura da seringueira com diferentes consórcios em área declivosa do Estado do Rio de Janeiro. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HEVEICULTURA, 1., 2007, Guarapari. **Resumos...** Vitória: INCAPER, 2007. Coordenado por Pedro Arlindo Oliveira Galveas. 1 CD-ROM.

PEREIRA, J. da P. Formação de mudas e instalação de seringais. **Informe Agropecuário**, Belo Horizonte, v. 28, n. 237, p. 49-58, mar./abr. 2007.

REIS, E. L. Nutrição e adubação da seringueira. **Informe Agropecuário**, Belo Horizonte, v. 28, n. 237, p. 59-69, mar./abr. 2007.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Agricultura e Abastecimento. Comissão Técnica de Seringueira. **A cultura da seringueira para o Estado de São Paulo**. Campinas: CATI, 1999. 91 p. (CATI. Manual, 72).



FIGURA 1. Implantação de seringal em áreas declivosas do Estado do Rio de Janeiro (marcação das curvas de nível, abertura de covas, calagem e adubação, abertura de coveta e plantio definitivo) – Áreas experimentais da PESAGRO-RIO.



FIGURA 2. Seringal com vinte anos de idade em plena produção no município de Silva Jardim-RJ.



FIGURA 3. Recuperação de áreas degradadas com o cultivo da seringueira no município de Silva Jardim-RJ.